

José Telles e os “Sermões de Pradaria”

Juarez Leitão

*“Eu tenho o rumor dos ventos:
marinheiros, guardem meu segredo,
sigam estrelas, icem velas
é hora de partir!”*

Falando assim para companheiros de viagem, o poeta JOSÉ TELLES anuncia seu parâmetro de navegador. Como capitão de longo curso, Odisseu de tantas aventuras, não mede o rumo da viagem pelas formalidades da marinha, não utiliza astrolábios ou bússolas, não se mapeia por rotas pré-fixadas. Seu destino é a vastidão ondulante da vida, o mar cheio de perigos, por onde segue ao sabor da sorte e bem servido pelo chamado das estrelas.

Sabe tudo sobre fábulas e sereias, os apelos irresistíveis e as canções de encantar desprevenidos, mas nunca se faz de rogado para a sedução, deixando-se vencer continuamente pelas armadilhas da paixão. Vítima e cúmplice de quem lhe prepara o laço, cai feito um peixe à atração da isca ou à malha das tarrafas e canzuins.

Este marinheiro de ardentes peripécias, que tanto pode ser o peixe perseguido das nereidas quanto o pescador de saudades de Bitupitá, se esconde durante o dia num jaleco branco, como médico anestesista da ArtClinic, mãos hábeis e competentes para fazer as pessoas dormirem esperançosas e acordarem mais belas, com mais ou com menos de seu volume físico e, certamente, muito mais felizes.

Este livro, SERMÕES DE PRADARIA, nos traz mais uma vez a intimidade lírica do poeta Telles e a reparte entre nós, que já o conhecemos de outras viagens e de outras entregas. Desta feita, porém, nos revela a rápida evolução de sua escritura, pois corrigindo a dispersão permitida nos outros livros, torna-se mais conciso, mais exato, sem desfaltar sua poesia do sabor do mistério, um dos elementos de manutenção de sua estrutura inventiva.

Embora, às vezes, pareça cinzento, a se queixar aqui e ali de suas dúvidas, desfiando filamentos de melancolia, Telles, na verdade, ultimamente anda solto como o sabiá da montanha e suas queixas estão longe de qualquer amargura. Livre e forro, ele só lastima verdadeiramente o que deixou de fazer,

achando que alguns pés-de-sonhos que plantou por aí ainda foram poucos. Serão queixas de quem chora de barriga cheia, pois do que planta sempre colhe algum feijãozinho verde para consumo imediato. É que outras searas já o esperam e o poeta, esse semeador de encantamentos, não pode demorar.

Confessando defeitos ou anunciando sentimentos altivos, José Telles retira dessa ambivalência, com disfarces de resignação, sua mais eficiente armação lírica.

O sedutor caviloso se queixa da vida para despertar compaixão e melhor estender sua rede. A bela altruísta que se comover, será justamente a mais sensível, a portadora do grande sentimento. Estará eleita, pois o poeta quer tudo: corpo sarado e alma generosa.

Detentor de uma mordacidade perseverante que se empenha num jogo de sutilezas, está acima de qualquer preconceito pois tem uma dimensão secularizada da vida e sobre ela se debruça em leve e sábia contemplação.

Viajando pela alma alheia, na medida em que apaixona, converte e coloniza o objeto desejado, o poeta Telles se coloca, renovado e instigante diante do tempo, pronto para o sopro de novos vôos, para novas e mirabolantes aventuras.

A paixão é o elemento objetivo que dá unidade a este livro. Nada é praticado aqui sem a sua presença, sem a sua marca vivificadora. Nela se verifica o triunfo da individualidade, a extrema afirmação do sujeito amoroso, do EU patético, sôfrego da fala pessoal, faminto de afirmação. Contardo Calligaris, pensador contemporâneo, nos diz que “o que fazemos por amor, fazemos por nós mesmos. Amando não obedecemos a ninguém, se não à paixão que é nossa.”

O sistema arma uma espécie de conspiração para tirar o homem furtivamente de seu território, do País dos Desejos, das realizações preciosas do Eu; e, se consegue, transforma esse homem num exilado, em alguém que perdeu sua origem amorosa e o sentido da profundidade da existência.

Nessa malha do sistema Telles não cai. Ele possui um jeito muito astuto de ver o mundo, enxergando atrás das coisas o sentido mais denso, o prisma mais fascinante. Faz das miudezas do cotidiano pertences essenciais. De amores passageiros, saudades perenes. De ícones efêmeros, homenagens definitivas. Tem o grande sentimento do mundo, aquele que é capaz de produzir o eterno do que era antes apenas o brilho da fugacidade.

E agora o poeta Telles virou pregador nas pradarias da Aldeota. Ele tem uma mensagem encantatória e é ardoroso em sua pregação. Está aí vestido

com esta roupa de sacerdote do hedonismo que o alfaiate Domênico fez pra ele e que lhe cai muito bem. Insinua em suas baladas e acalantos que a paixão possui uma escala hierárquica, onde os mais comportados serão os últimos em tudo e os devassos, os ganhadores do céu. Só os afoitos, que vivem os impulsos, estarão prontos para surpreender. O outros, os comedidos, formam o mar nebuloso da mediocridade.

Seguidor daquela teoria dos invasores ibéricos segundo a qual não existia pecado abaixo da linha do equador, viaja com fome e a necessidade urgente de se saciar entre musas ardorosas e prazerosos desafios. No poema pode ser explícito como um catecismo do Zéfiro ou desviar-se para a insinuação. Com a mesma pedra com que quebra vidraças produz faíscas e obtém o fogo, onde se queima com suas companhias. Este livro nos fornece a sensação de intenso calor. O tal do fogo sagrado que, embora sendo dos deuses, dele o poeta se fez dono, como o titã Prometeu.

Tudo isto pode ser agora, mas teve um começo antigo. Este doutor Telles, milionário das benquerenças desta Fortaleza, que hoje trouxe a cidade para esta festa de poesia na Enseada do Mucuripe, o intelectual, o bom boêmio, o amigo generoso, tem dentro da alma, pregada pelos cravos eternos de sua emoção, uma vila de pescadores das bandas do Camocim:

“Oh, Bitupitá!

**Os teus sonhos de barlavento viajam
De vento em popa na saga de teu destino,
Nos teus varais dores e sonhos estendidos
Contam estórias de alto-mar,
Há um cheiro de gente no teu peixe
E um cheiro de mar na tua gente.
Eu tenho saudades no corpo e fantasias n'alma,
Porque rasguei tuas entranhas,
E tenho maresia no ventre
Porque me criei na tua salmoura
E no teu cheiro de peixe.**

(...)

Ah, Bitupitá!

**Eu agora estou de volta: achei livros e letras
Na popa das viagens, mas o tempo também é
Tempo de ficar.”**

Esta noite tem gosto de saudades e assobia peregrinas canções de amor. Há brisas que trazem vozes e acalantos de fazer sonhar.

José é o dono da noite, o menino José, absoluto em suas traquinagens, fervoroso e serelepe na galhardia de sua peraltice. O fauno cinqüentão, colocado diante de seus enigmas, nega-se a ser essa matéria insípida depositada no chão do mundo para comer e dormir, envelhecer e se rabugizar.

Será menino sempre e eterno pescador de sonhos, cultivando o melhor da natureza humana e o parentesco das coisas. As coisas da paixão que são eternas, mesmo quando duram pouco.

Toda glória para o pescador José Telles, da Vila de Bitupitá!

Toda honra e glória para seu talento!.